

“Vamos fazer uma festa também, vamos fazer a festa dos Pioneiros”: memória e identidade celebradas e demarcadas na Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste em Nova Xavantina/MT

“Let’s throw a party too, let’s throw the Pioneers party”: memory and identity celebrated and demarcated at the Pioneers Party of the March to the West in Nova Xavantina/MT

Enviado em: 30/12/2019

Aceito em: 30/01/2020

Natália Araújo de Oliveira¹

Resumo:

O artigo discute a produção simbólica de um evento criado para perpetuar a memória coletiva de um grupo migrante como memória oficial de um município. Baseia-se em pesquisa qualitativa (com entrevistas e etnografia), realizada na cidade de Nova Xavantina (MT) de 2006 a 2017. O grupo é denominado *Pioneiro da Marcha para o Oeste*, formado por nordestinos e goianos que migraram a partir da política de colonização *Marcha para Oeste*, lançada pelo presidente Getúlio Vargas, que estimulava a ocupação de territórios “vazios”, em um discurso que colocava o migrante como herói nacional. Com a chegada dos gaúchos na década de 1970, os Pioneiros entenderam que era necessário demarcar sua memória no município e criaram a *Festa do Pioneiro da Marcha para Oeste* em 1987. É por meio dessa Festa, realizada há 32 anos, que os Pioneiros destacam seu pertencimento e reforçam sua identidade no município.

Palavras-chave: Festa; Memória; Pioneiros da Marcha para o Oeste

Abstract:

The article discusses the symbolic production of an event created to perpetuate the collective memory of a migrant group as the official memory of the city. It is based on qualitative research (with interviews and ethnography), conducted in the city of Nova Xavantina (MT) from 2006 to 2017. The group is called Pioneer of the March to the West, made up of men from northeastern and Goiás

¹ Bacharela em Turismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso; Mestra em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES no doutoramento. E mail: oliveira.natalia@outlook.com.

state, who migrated from the policy of colonization March to the West, launched by President Getúlio Vargas, which encouraged the occupation of “empty” territories, in a speech that put the migrant as national hero. With the arrival of the gauchos in the 1970s, the Pioneers understood that it was necessary to demarcate their memory and created the March of the Pioneer West Feast in 1987. It is through this Festival, held 32 years ago, that the Pioneers highlight their belonging and reinforce their identity in the city.

Keywords: Party; Memory; Pioneers March to the West.

Introdução

Como nasce uma festa da memória? O que faz com que um grupo de pessoas se organize, todos os anos, há 32 anos para realizar um evento que rememore fatos ligados à época de Getúlio Vargas? Qual o significado de participar de um evento que celebra uma memória? Como as fronteiras simbólicas que delimitam uma identidade são usadas na celebração de uma memória?

Estas perguntas, que abrem o artigo, são questionamentos que me fiz quando iniciei minha trajetória de pesquisadora, em 2006 e me acompanharam até a defesa da tese de doutorado, em 2017. Busco, nesse artigo, desvelar o enredo que traz respostas a elas, garimpadas ao longo de vários anos de pesquisa junto a um grupo que celebra sua memória coletiva em Nova Xavantina, pequena cidade do interior do Mato Grosso.

Neste sentido, o presente trabalho apresenta relatos de campo de quem acompanhou por muitos anos a celebração de um evento simbólico que demarca o pioneirismo de um grupo e delimita uma identidade coletiva. Ao refletir sobre as narrativas, discuto a produção simbólica de um evento criado para perpetuar a memória coletiva de um grupo migrante como memória oficial da cidade.

A fim de organizar o artigo, o trabalho será dividido em cinco partes. Após esta introdução, trago o referencial teórico que me ancora para discutir sobre festas e celebrações simbólicas que evocam memória, usando autores como Eckert, Halbwachs, Pollak para me auxiliar no debate. Em seguida, no tópico *Nova Xavantina e os Pioneiros da Marcha para o Oeste*, abordo o contexto histórico que explica quem são essas pessoas que celebram a Festa aqui analisada. Ainda nesta seção, trago dados metodológicos utilizados nas pesquisas realizadas ao longo de 11 anos. No

item *A saudade em Festa: Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste*, exploro os relatos de campo que abordam os significados simbólicos que o grupo dá ao evento, agregando às reflexões teóricas sobre estes e, por fim, trago as considerações finais.

Festa e memória

Ao refletir sobre um evento tão importante para uma pequena cidade como Nova Xavantina é necessário discutir o referencial teórico sobre festa e também sobre memória. Compartilho com Eckert (1997) a ideia de que festas que celebram a memória de um grupo são formas de narrar e dramatizar a transformação, a descontinuidade e a ruptura de formas tradicionais de sociabilidade e da trajetória do grupo. Nesse tipo de evento, segundo a autora, o valor saudade é representado como reestruturador de uma experiência coletiva dilacerada, de um tempo que não volta mais.

Uma festa da memória deve ser vista como uma ação coletiva que ocorre em um tempo e lugar definido e especial, que implica a concentração de afetos e emoções em volta de algo que é celebrado e comemorado, cujo principal produto é simbólico – o fortalecimento de uma identidade coletiva (GUARINELLO, 2001).

Como Guarinello (2001) explicou, ao refletir sobre festas que celebram uma memória também se analisa a identidade de um grupo, haja vista que a identidade recorre à memória social para se estabelecer e esta se ancora em cerimônias comemorativas, em festas, estórias, mitos, ritos, monumentos, textos etc. que funcionam como gatilhos que dão significado a algum momento histórico.

Durkheim (2003, p. 409) também refletiu sobre festas e explicou que os ritos comemorativos, ao mesmo tempo em que libertam, também celebram a unidade, pois por meio deles, “o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade”. Neste sentido, ao falar de festas – como a aqui discutida, falo também de memória e de identidade, do sentimento de pertencer a um grupo e a ele se unir para celebrar.

Em festas da memória – como a aqui analisada -, os velhos vivem a comunhão em formas plurais de interação, concretizando espaços sociais onde estabelecem laços afetivos e de reconhecimento. No momento festivo, eles negam a volatilização do tempo, reencontram as pessoas e reconstituem maneiras de ser coletivas. (ECKERT, 1997).

A teoria de memória na qual a pesquisa se baseia parte de Halbwachs (2006) que, ao enfatizar a memória coletiva, ressaltou seu caráter social e explicou que nem mesmo as memórias mais íntimas devem ser pensadas em termos unicamente individuais, sendo central compreender a importância da interação, visto que é por meio da que a memória é formada, assim como a identidade.

Pollak (1989) explica que a construção da identidade é um fenômeno que diz respeito ao outro, aos critérios de aceitabilidade, credibilidade, em uma ótica de contraste. Esta consideração é essencial para que se compreenda a identidade pioneira em Nova Xavantina e a criação de uma festa para delimitar uma memória coletiva. É por meio da ótica do contraste com o outro que surgem as fronteiras que delimitam as pertencas aos grupos. Estas fronteiras não são físicas, mas sim simbólicas, um limite ligado a interação entre pessoas e manutenção da identidade, que permite estabelecer os de dentro e os de fora de um grupo.

Nova Xavantina e os Pioneiros da Marcha para o Oeste

Nova Xavantina é uma pequena cidade localizada no interior do Mato Grosso². Sua história oficial começa a partir das políticas de colonização criadas pelo governo nacional a fim de expandir a fronteira agrícola brasileira na década de 1940. Todavia, anterior a este momento, já havia na região indígenas da etnia Xavante, que chegaram entre 1820-1870 fugindo do contato com não índios.

A partir do projeto nacionalista Marcha para Oeste, criado pelo presidente Vargas, chegaram à região diferentes migrantes - alvos da pesquisa aqui apresentada. Eles vinham principalmente da região Nordeste ou ainda do estado de Goiás e posteriormente ficaram conhecidos como Pioneiros da Marcha para o Oeste. Outro momento histórico da cidade e relevante às narrativas aqui apresentadas acontece a partir da década de 1970, quando o governo militar declara que a região da Amazônia Legal Brasileira deveria ser ocupada a fim e coibir supostas ocupações de estrangeiros. Neste momento, muitos Gaúchos partiram do sul do país também para esta localidade em colonizações agrícolas, ainda na lógica de ocupação desenvolvimentista para o Centro-Oeste brasileiro.

² Nova Xavantina está localizada em uma área de 5.530,393 km² no Nordeste do Mato Grosso. Sua população estimada é de 21.374 habitantes em 2019 (IBGE, 2019).

A Expedição Roncador-Xingu, que efetivava a Marcha para o Oeste, foi criada em 1943, sendo responsável por abrir picadas e construir as primeiras estradas da região. De acordo com os irmãos Villas Bôas (1994), a Expedição Roncador-Xingu tinha também a atribuição de entrar em contato com os índios existentes na região e a Fundação Brasil Central (FBC), criada no mesmo ano, tinha o objetivo de implantar núcleos populacionais nos pontos ideais marcados pela Expedição.

O lançamento da Expedição ocorreu em São Paulo, da onde os expedicionários saíram no dia 07 de agosto de 1943. Depois de passar em Uberlândia (MG), foram a Barra do Rio das Garças – hoje Aragarças (GO). De lá saíram no dia 04 de dezembro de 1943, chegando ao Rio das Mortes, onde hoje está Nova Xavantina, no dia 28 de fevereiro de 1944. Apesar desta data, a cidade é oficialmente emancipada apenas em 1980.

Para que as migrações de Pioneiros e de Gaúchos ocorressem o governo federal fez uso de discursos que exaltavam esses homens como incentivo para que se mudassem. Nesse contexto, a migração ocorrida durante o governo Vargas foi marcada por um discurso nacionalista que colocava os migrantes como heróis nacionais. Era o período de Segunda Guerra Mundial e, enquanto os pracinhas brasileiros defendiam o Brasil lá fora, os integrantes da Marcha para Oeste eram os heróis que defendiam o Brasil aqui dentro.

Aqui se vê o mito heroico do bandeirante sendo reatualizado pelo ideólogo do Estado Novo – Cassiano Ricardo. Cancelli (1987) comenta que esses homens passam de flagelo social – nordestinos pobres e sem perspectiva – a heróis nacionais. É nesta identidade que eles se reconhecem e elevam suas fronteiras simbólicas que a demarcam, circunscrevendo-a a um período específico vivido coletivamente.

Esses homens – já identificados com a *persona* de pioneiro, se reconhecem na identidade de pobres migrantes transformados em bandeiras e protagonistas de um tempo que era necessário servir a pátria defendendo as fronteiras internas do país em nome de um ideal de modernização trazido pelo governo Vargas. Para eles, sua migração foi essencial para o desenvolvimento do país. De acordo com Lima Filho (1998), estes homens foram de bandeirantes a funcionários da Fundação Brasil Central, que lhes deu poder, prestígio e status social. Com a extinção da Fundação Brasil Central na década de 1960, muitos foram aposentados compulsoriamente e ficou um sentimento de saudade no ar.

Para entender a importância simbólica da Festa para os Pioneiros, é essencial compreender o histórico de Nova Xavantina também a partir da perspectiva do outro grupo que migrou a partir de políticas de colonização – os Gaúchos. Estes, que também migraram para o município por meio de incentivo de políticas oficiais, igualmente foram alvo de discursos criados com o objetivo de estimular sua migração. Neste sentido, era afirmado que sua presença era indispensável a fim de levar o progresso ao interior do Mato Grosso. Além disso, era afirmado que o local era habitado por homens ociosos e sem iniciativa (OLIVEIRA, 2010). Aos Gaúchos era dito que apenas eles, filhos dos imigrantes italianos e alemães, teriam um *ethos* de trabalho que permitiria desenvolver aquele espaço, pois eles sabiam o que era progresso.

A memória de Xavante, Pioneiros, Gaúchos entram em pauta quando se discute o pioneirismo da cidade. Enquanto os Xavante entendem que são os verdadeiros pioneiros do município, os Pioneiros afirmam que cumpriram uma missão patriótica de desbravar o país e por isso merecem esse título e, para os Gaúchos, foram seus valores de progresso e de trabalho que fizeram Nova Xavantina crescer e desenvolver, por isso, para ser justo, eles sim são os pioneiros da cidade. Para afirmar este pioneirismo e delimitar a identidade a ele ligada, os Pioneiros criaram uma Festa em 1987. É sobre esta que o artigo versa.

Quanto à metodologia adotada na pesquisa, ao acompanhar, durante as pesquisas de graduação, mestrado e doutorado (todas de vertente qualitativa) os preparativos e também a realização da Festa, fiz uso da etnografia, que tem como objetivo entender o outro, compreender sua visão de mundo. Concomitantemente, também fiz uso da observação participante e de entrevistas.

A pesquisa de campo foi realizada de 2006 a 2017, iniciando meu *debut* de pesquisadora no trabalho de conclusão de curso até a pesquisa de doutorado³. Para a análise dos dados utilizei a análise temática, na qual foi verificada a recorrência dos dados nas entrevistas e, em seguida, foram destacados os assuntos mais abordados pelos informantes (GASKELL, 2008).

A saudade em festa: Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste

³ Na pesquisa da monografia foram entrevistadas 16 pessoas, na de mestrado 22 e de doutorado 72 pessoas.

O contexto de criação da Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste permite entrelaçar todos os referenciais teóricos utilizados ao se estudar festa, memória e identidade. Tive a oportunidade de entrevistar algumas das pessoas que fizeram parte da criação do evento e todas me revelam a necessidade que tinham de delimitar sua memória na cidade.

Como já expliquei anteriormente, Nova Xavantina é fruto de diferentes políticas de colonização e, portanto, é formada por grupos migrantes de origens diversas, sendo um destes grupos os Gaúchos, que chegaram na década de 1970 e se preocuparam em fincar suas raízes culturais na cidade. Assim, ao chegarem ao município, os Gaúchos começaram a se organizar para criar um Centro de Tradição Gaúcha (CTG). Conforme Seu Ilmar⁴ me contou,

Esse CTG nasceu de uma iniciativa minha e mais um grupo de sulistas que estavam aqui, porque aqui não existia um clube. Então a preocupação para os nossos filhos, o que tinha aqui era na rua, até hoje existe isso festa de rua, não tinha sequer um clube para os filhos da gente, um ambiente um pouco melhor, então nasceu o CTG.

Com o objetivo de demarcar a cultura gaúcha no espaço, seu Roberto⁵ me explicou que o CTG é:

o símbolo da cultura gaúcha, da colonização. Todas as cidades onde teve colonização no Mato Grosso teve um CTG, tem um CTG. O objetivo dele [do CTG] era na verdade, é até hoje, agregar o pessoal para que tenha um espaço de manifestar as suas tradições culturais, esportivas, tradicionais, de manter a tradição que tem no Rio Grande do Sul.

Ainda nesse sentido, seu Jair⁶ me afirmou que o CTG representa o “segmento da minha cultura, lá eu encontro alegria, prazer de se chegar, porque pra mim aquilo lá é segunda casa [...]”

Pelas explicações destes e de muitos outros entrevistados, fica fácil perceber que os Gaúchos chegaram na cidade e se preocuparam em delimitar seu espaço, ter um local para reviver suas memórias e para celebrá-la e, assim começaram a se organizar para criar um centro, efetivado na década de 1980. Os já chamados Pioneiros da Marcha para o Oeste, vendo aquela movimentação do município,

⁴ Entrevista concedida em agosto de 2015.

⁵ Entrevista concedida em abril de 2010.

⁶ Entrevista concedida em novembro de 2007.

acharam que precisavam demarcar seu local na sociedade nova-xavantinense. Para tanto, criaram eles também seu próprio evento: a Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste.

Conta um dos idealizadores da Festa:

Quem criou a festa fui eu, olhe bem, Maria Ibiapino, Daniel Ferreira, João Bosco, Orlandinho Pereira. Nós criamos a primeira festa. Por quê? Porque os gaúchos, quando chegaram aqui, organizados como sempre foram e tal, criaram o CTG – Centro de Tradição Gaúcha, fizeram aí aquela coisa tudo bonito. Aí o pessoal: gente, a turma não sei o quê os gaúchos, vamos fazer uma festa também dos Pioneiros, vamos fazer a festa dos Pioneiros. Aí nós demos a ideia em Brasília conversamos com amigos daqui que moravam lá, falamos: olha, estamos programando fazer uma festa assim assim e vamos ver se vai dar certo, foi indo, foi indo. [...] Aí fizemos a Festa, vamos fazer a festa, como é que nós vamos fazer? Vamos coletar, vamos procurar doação, um dava uma leitoa, nós mesmos, fizemos um churrasco, coletando alguns recursos, compramos algumas bebidas, refrigerante, aí fizemos a primeira Festa dos Pioneiros. [...] Nós fizemos a primeira festa, veio um ônibus de Brasília, os funcionários de lá e tal, superintendente, passou um tempo veio a festa do outro ano, mais bonita ainda, já Brasília participando mais, mas todo os recursos da Festa eram suor nosso aqui. [...]. Mas só recursos nossos, ninguém trazia nada na mão, só nossos recursos. E nós não tínhamos verba pra fazer isso, mas fazíamos a Festa, trabalhávamos (Pioneiro Cláudio⁷).

A ideia da Festa, como pode ser notado na fala do Seu Cláudio, era de confraternização entre os seus. De acordo com Seu Antônio⁸, a Festa, tinha o intuito de promover o encontro e a confraternização dos Pioneiros, estando presentes não só os residentes na cidade, mas também os de outros municípios que retornam para o evento e reencontram os amigos. Também neste sentido, seu José⁹ afirma que a Festa é um momento de “encontrar aqueles amigos que trabalharam com nós faz muito tempo. Dar aquele abraço de fraternidade, emocionar, de falar quanto tempo ele fez isso, ele fez aquilo.” Logo, era a definição de quem são os seus, isto é, quem são os verdadeiros pioneiros que mereciam estar ali e participar daquele momento.

Pela fala dos entrevistados é possível perceber como a Festa é criada em um contexto de fortalecimento de uma memória coletiva entrelaçada à história da cidade. Como afirma Seu Carlos¹⁰ sobre o nascimento do evento: “Nós pensamos assim, gente, nossa história não pode acabar, porque toda cidade tem uma história, e essa história não pode acabar”.

⁷ Entrevista concedida em agosto de 2015.

⁸ Entrevista concedida em maio de 2010.

⁹ Entrevista concedida em agosto de 2015.

¹⁰ Entrevista concedida em abril de 2009.

A fala do entrevistado mostra como um grupo pode se posicionar para demarcar sua identidade e sua memória no município, isto é, a identidade de pioneiros lhes pertencia e era necessário fazer algo em resposta à outra memória que começava a se estabelecer, a dos gaúchos que haviam chegado à cidade em anos anteriores e começava a se organizar. Ritos e comemorações como os discutidos costumam ser, de acordo com Pollak (1992), momentos interessantes para se pensar acerca das lutas simbólicas para determinar quais datas e acontecimentos são gravados na memória de um povo. Por esta perspectiva, a criação da Festa foi uma resposta perante as novas memórias que procuravam se estabelecer no município.

Os Pioneiros da Marcha para o Oeste, pensando em mostrar a sociedade novo-xavantinense sua importância, criaram uma festa. Essa festa é a materialização da memória, é a herança simbólica acionando significados associados a um passado que se quer fazer representativo no presente.

A Festa é realizada sempre no mês de fevereiro, próximo ao dia 28 de fevereiro, homologado na Lei Orgânica do município como *Dia do Pioneiro*. A data faz referência ao dia que é considerado o dia da chegada da Expedição Roncador Xingu (28 de fevereiro de 1944) à Nova Xavantina, como já contado anteriormente.

Ao refletir sobre o histórico da Festa, é possível pensar em uma disputa de memória, que leva a realização de um evento. Outro ponto que surge também diz respeito à identidade de um grupo e sua coesão interna. Como a festa ocorre todos os anos desde 1987, revela a organização de um grupo para perpetuação de uma memória ao longo do tempo.

Além de uma demarcação de memória, a Festa foi pensada inicialmente ainda como um pedido de atenção aos Pioneiros, que se sentiam esquecidos pelo Estado que os havia considerados heróis nacionais. Logo, além de celebrar, o evento também tinha a intenção de dar visibilidade aos homens que haviam, segundo eles, construído a cidade. Como afirma Lima Filho (2001), a Festa é o momento em que os Pioneiros lançam suas âncoras existenciais para sobreviver a um grande descompasso de ritmos. É o ritmo paralisante dos funcionários e pioneiros, que de heróis passaram a “parasitas”, e o ritmo acelerado da história representado na região por inúmeros projetos de colonização e exploração econômica do governo.

A primeira festa, realizada no ano de 1987, foi vista com muito entusiasmo pelos Pioneiros, em um clima de companheirismo, contado pelo Seu Cláudio um

pouco acima. O poder público também entrou na organização do evento, tendo papel ativo em sua realização até o ano de 1989. A partir da década de 1990, as dificuldades financeiras para a realização do evento começaram a surgir e outras entidades passaram a ajudar, como associações de bairro, comércio etc. (OLIVEIRA, 2010).

No ano de 1993, foi criada uma associação dos pioneiros - a Associação dos Pioneiros da Marcha para o Oeste (APMPO), que chamou pra si a responsabilidade de organizar o evento, todavia como não tinha condições financeiras para custeá-lo, a festa continuou a ser financiada, às vezes pela prefeitura, Câmara e doações diversas, sendo o evento até os dias de hoje organizado desse modo. (OLIVEIRA, 2010). Inclusive, em vários anos por pouco a Festa não foi realizada, em virtude da falta de dinheiro para sua execução.

Quanto à ritualização da festa, começa com o envio de convites aos Pioneiros, às autoridades políticas e à amigos dos Pioneiros. Hoje em dia isso tudo é também realizado pela internet, contudo, como afirma Seu Carlos, “nem todo mundo tem internet, manda o convite, o convite chega atrasado. Você fica confiando que a pessoa viu na internet, mas nem todo mundo vê”.

Uma questão que já gerou bastante controvérsia entre os Pioneiros é o convite à políticos, em especial pelo fato de muitos deles ganharem o título de sócio benemérito da APMPO na Festa. Há Pioneiros que defendem a inclusão deles em virtude de muitos serem os financiadores do evento. Outros afirmam que toleram o convite, mas acham que eles não deveriam fazer discurso, ou ainda apenas se discursasse sobre o tema da festa, como comenta o senhor Antônio¹¹: “Mas eu não acho que é hora de político falar. A não ser que ele vá falar só em pioneirismo né”. Por fim, há os que entendem que a Associação e o evento estão sendo vendidos ao convidar políticos para participar. Sobre o assunto, um dos Pioneiros¹² me afirmou: “Tem deputado que começou a vir aqui só na época da festa [...]. Então por esse motivo eu fui me afastando, e me afastei definitivamente quase, passando quase cinco anos sem ir lá na Festa”.

O evento é realizado em locais diferentes a cada ano, dependendo de onde ficar mais barato ou ainda se o espaço for cedido. Os empresários locais costumam ajudar com a doação de mantimentos para preparação do almoço e muitos

¹¹ Entrevista concedida em abril de 2009.

¹² Pioneiro Cláudio, em entrevista concedida em setembro de 2015.

comparecem, compondo, às vezes, a mesa de autoridades. Esta é organizada pela diretoria da APMPO e a cada ano pode sofrer alterações em sua composição, por exemplo, em 1997 Lima Filho (1998) acompanhou o evento e afirmou que a mesa era composta por um Pioneiro e três vereadores. Já no ano de 2010 havia, na mesa, o prefeito com sua esposa, um vereador, um ex-deputado estadual, alguns Pioneiros e o presidente da Associação da época, que é filho de Pioneiro. Atualmente a mesa continua composta por políticos, ora só de esfera local ora também estadual, por Pioneiros e pelo presidente da Associação.

Em alguns anos há crachás de identificação, em outros não. Em 1997, inclusive, os crachás faziam referência às categorias de associados da APMPO (descendentes de Pioneiros, Pioneiro da Gloriosa Marcha para o Oeste, sócio benemérito, sócio afetivo) e também crachás constando como convidado especial ou simples convidado (LIMA FILHO, 1998).

A Festa é iniciada com a entrada das bandeiras – do Brasil, do Mato Grosso e de Nova Xavantina, normalmente carregada por Pioneiros. Posteriormente o mestre de cerimônias entra em cena e explica que a APMPO é sem fins lucrativos e apolítica, mesmo a mesa de autoridades estando composta por diferentes políticos.

Há também um culto ecumênico, que em anos anteriores já foi realizado apenas por um padre, mas em virtude de muitos pioneiros terem se tornado evangélicos foi transformado em um momento de várias religiões. Após há a execução do hino nacional.

A cada ano o roteiro da cerimônia pode ser alterado no que se refere a quem abre a solenidade. Já houve momentos em que o prefeito da cidade abriu a festividade, como em 1997 (LIMA FILHO, 1998) e ainda situações em que este, apesar de estar presente, sequer discursou, como em 2009, quando a prefeitura não apoiou financeiramente o evento. No ano de 2015 o prefeito não participou da festividade e a prefeitura auxiliou com menos recursos que em anos anteriores (naquele ano a prefeitura deu quinhentos reais, sendo que anteriormente doava dois mil reais). De acordo com a presidenta da Associação na época, o prefeito não participou por não estar na cidade e não em virtude da diminuição da doação de recursos. Além disso, ele enviou uma representante oficial do poder público, que compareceu juntamente com outros secretários e vereadores. Naquele ano a festa teve cerca de duas mil pessoas presentes. (OLIVEIRA, 2017).

Em alguns anos o primeiro a discursar é um Pioneiro e, em geral, sua fala tece comentários sobre a importância do grupo à cidade, assim como uma tentativa de mobilizar os políticos e empresários que ali estão para atuar pela causa e construir uma sede para a Associação, como nesse discurso de 2010¹³:

Agora nossa cidade é bonita, com nosso prefeito trabalhando [...] nossos deputados trabalhando [...]. Agradeço todos nossos políticos, nossos prefeitos que trabalharam por esse lugar [...]. Nossa luta não pode acabar, a história que nasceu aqui com os Pioneiros. Vamos fazer nossa sede¹⁴.

Os discursos dos presidentes da Associação costumam ter o mesmo teor, pedidos para que se valorizem os pioneiros e sua associação, além de histórias que mostram a coragem dos que migraram para um local desconhecido e considerado inóspito.

Durante o evento são entregues títulos de sócio benemérito da Associação, título este que já gerou muita discórdia entre os Pioneiros, visto que para alguns é reconhecimento com os que contribuíram com a realização do evento – como políticos e empresários e para outros é como se a Associação fosse vendida aos políticos, sendo o título distribuído sem critério algum. Em 2010, por exemplo, o título foi entregue a um ex-deputado estadual presente no evento, ao prefeito, a um suplente de deputado federal e a um filho de Pioneiro.

Quanto ao teor da fala dos prefeitos, em geral há uma tentativa de vinculação de suas histórias pessoais às histórias dos Pioneiros da Marcha para o Oeste a fim de conectar sua memória à memória do grupo. Em 1997, o discurso do então prefeito, que era mineiro e havia chegado à região no ano de 1974 afirmava:

O povo que não cultiva o seu passado é um povo sem memória e é um povo sem perspectiva de futuro [...]. O mais importante deste encontro é o fato de que nós estamos aqui resgatando um passado. [...]. Porque nós temos três espécies de pioneiros. Nós temos os pioneiros da Marcha para o Oeste, esses gloriosos homens, que desbravando nosso sertão, vieram fazer com o que o Centro-Oeste do nosso país fosse conquistado. [...]. Aqui em Nova Xavantina, os pioneiros antigos da Marcha para o Oeste com os pioneiros da época intermediária e os pioneiros modernos, que aqui chegaram principalmente nos últimos cinco anos, todos estão empenhados em fazer com que este lugar seja um lugar feliz [...]. Aqui hoje na condição de prefeito municipal, carregando nas costas a responsabilidade de traduzir em realidade o sonho destas três categorias e pioneiros citadas [...]. Escolheram Xavantina

¹³ Discurso do Pioneiro Carlos no 23º encontro dos Pioneiros da Marcha para Oeste, realizada no dia 27 de fevereiro de 2010 em Nova Xavantina/MT.

¹⁴ A APMPO não possui sede.

para aqui continuar vivendo. Senhoras e senhores, essa responsabilidade é muito grande. Ela pesa, e eu sinto hoje como se estivesse nas minhas costas não só o peso da responsabilidade, mas o peso de carregar nas costas também o resgate desta história. [...] Eu sou sócio benemérito a Associação. Eu tive o prazer de receber esse diploma que foi criado o ano passado. (PREFEITO JOSÉ FREDERICO FERNANDES apud LIMA FILHO, 1998, p. 60).

A fala do prefeito de 2010 reconhece a importância dos Pioneiros da Marcha para o Oeste, mas também traz sua história para a fala:

Eu cheguei em Nova Xavantina no ano de 1975, juntamente com a minha família, vim de uma cidade próxima, Jussara, interior de Goiás e naquela época era muita dificuldade. A Expedição a Marcha para Oeste estrategicamente, mais de 30 anos atrás, nós sabemos que foi muito mais dificuldade ainda, mas temos a certeza que a coragem, a luta, o amor de cada um pioneiro que foi importante e por causa disso nós hoje temos Nova Xavantina e com certeza devemos a cada um de vocês, pioneiros. Quero, ao encerrar minhas palavras, parabenizar este evento e dizer que eu me sinto muito honrado de estar recebendo este diploma de vocês aqui hoje, com certeza é um diploma muito importante que eu vou levar pra minha casa e guardar ele em um lugarzinho muito importante. (PREFEITO GERCINO, FESTA DO PIONEIRO DA MARCHA PARA O OESTE, 2010).

Ao discursar no evento, os prefeitos costumam vincular suas histórias às dos pioneiros, em especial ao se colocarem também na categoria de homens desbravadores e corajosos que migraram ao interior do país. Em termos identitários, é a tentativa de ser parte de um grupo, de se vincular a este e ser aceito por compartilhar uma suposta característica comum.

Outro tópico que os prefeitos costumam versar faz referência aos diplomas recebidos no evento, que atestam o caráter político deste, sempre negado pelos membros da Associação, mas recorrente todos os anos.

Dando continuidade ao rito da festa, após as falas políticas é comum que um dos Pioneiros faça um discurso. Embora não tenha participado dos primeiros eventos e conheça apenas histórias destes ou ainda a literatura produzida a partir de 1997, sei que todos os anos os temas discorridos neste momento são os mesmos, o orgulho que estes homens sentem em ser pioneiros e a necessidade de se ajudar a APMPO:

(...) pra mim é uma grande satisfação de estar aqui nesse momento, fazer parte dessa família que derramou seu sangue para que chegássemos nesse tempo. Neste momento tão solene e tão alegre é uma satisfação muito grande que muitas vezes a gente tem emoção de falar, mas essa festa histórica mostra a história viva. Não deixem essa história acabar, é uma

história que foi escrita não somente com lágrima, foi com suor, chegou a derramar até sangue para escrever essa história. Consciência senhores pra conservar essa história, os senhores que tiveram de usar a palavra, prometeram, prometeram estão garantindo em ajudar a Associação dos Pioneiros. Eu gostaria que os políticos, os senhores nos ajudassem, porque nós somos pequenos, nós ganhamos pouco (...). Eu peço aos senhores que não se esqueçam, ajudem a Associação, os nossos deveres nós já cumprimos (...) os senhores nos valorizem, que a maioria das vezes existe pessoas que às vezes não prezam os Pioneiros da Marcha para o Oeste¹⁵.

A partir desse discurso e agregando-o aos demais, é possível notar um clientelismo político, por meio do qual os Pioneiros fazem pedidos aos políticos presentes, tal como visto desde Lima Filho (1998). O objetivo é sempre ser ajudado para contribuir com a história da cidade, ter uma sede, um museu, e contar a história do município que, segundo os Pioneiros, é sua própria história, afinal “[...] nossa história não pode acabar, porque toda cidade tem uma história, e essa história não pode acabar”¹⁶.

Após os discursos, encerra-se a parte das solenidades, indo para o momento de confraternização com almoço e apresentação de banda. Em alguns anos houve ainda jogos e baile noturno, contudo, estas práticas são de um passado mais remoto, sendo atualmente toda a cerimônia realizada em apenas um período do dia.

Considerações finais

O projeto nacionalista Marcha para o Oeste foi proposto pelo presidente Vargas a partir da ideia de que seriam necessárias novas frentes de expansão no Brasil, na ideia de ocupar os chamados *vazios demográficos*, que desconsideravam a presença de indígenas em todo o território nacional e, no caso aqui estudado, dos Xavante, que dão nome à cidade de Nova Xavantina.

Estas novas fronteiras foram abertas por migrantes que fugiam das situações paupérrimas em que se encontravam em seus estados de origem e procuravam melhorar de vida. Ao ouvirem falar na Marcha para o Oeste e na Expedição Roncador-Xingu, estes homens partiram acreditando serem os novos heróis nacionais, que defendiam o Brasil de um suposto inimigo externo, como era veiculado no período.

¹⁵ Discurso do Pioneiro Antônio no 23º encontro dos Pioneiros da Marcha para Oeste, realizada no dia 27 de fevereiro de 2010 em Nova Xavantina/MT.

¹⁶ Pioneiro Carlos, em entrevista concedida em outubro de 2009.

Anos se passaram, as migrações continuaram e, na década de 1970 foi dito novamente que seria necessário povoar o interior do Brasil, mas agora outro grupo social era escolhido – dos Gaúchos, que partiram para Nova Xavantina com a perspectiva de levar o progresso à região, pois era dito que eles seriam capacitados para tanto, já que o grupo que ali residia era composto por homens sem iniciativa e dinamismo. Ao chegar ao novo espaço, começaram a se organizar para fincar suas raízes culturais na cidade.

Sentindo-se ameaçados por um novo grupo que ali chegava e buscando demarcar sua identidade de pioneiro, os migrantes da Marcha para o Oeste, já então denominados Pioneiros da Marcha para o Oeste, resolveram criar um evento – a Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste, no ano de 1987. O que era para ser apenas uma confraternização de amigos tornou-se um evento simbólico na cidade, momento em que a sociedade nova-xavantinense faz reverência aos que chegaram na década de 1940 e que trouxeram a perspectiva ocidental à região – já habitada pelos índios Xavante.

A Festa é um canal de sociabilidade, o momento em que os Pioneiros reforçam os laços de coesão do grupo e transmitem à sociedade local a mensagem que o pioneirismo parte de sua identidade coletiva e pertence unicamente a seu grupo, mesmo que tal afirmação receba contestações. A cerimônia, que é celebrativa, serve para defender as fronteiras identitárias do grupo demarcadas a partir da identidade ser *pioneiro*.

Como pode ser notado ao longo do artigo, vários personagens da cidade buscam participar dessa memória coletiva e se inserem na história da cidade como se fizessem parte daquele grupo, o que não é tolerado por todos os membros. Contudo, há um senso de sobrevivência ali presente, pois são estas mesmas pessoas que financiam o evento, logo, torna-se pertinente o convite e a entrega de diplomas àqueles que contribuem, em especial na esperança de que um dia a Associação criada consiga ganhar uma sede e ter autonomia.

Referências:

CANCELLI, E. **Estratégia para o flagelo**. 1984. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.

DURKHEIM; E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECKERT, C. A saudade em festa e a ética da lembrança. In: **Revista de Estudos Femininos**. Porto Alegre, v.5, n.1, 1997.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 64-89.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCÓS, I.; KANTOR, I. (Orgs). **Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil/Mato Grosso/ Nova Xavantina. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/nova-xavantina>. Acesso em: 30 dez. 2019.

LIMA FILHO, M. F. **Pioneiros da Marcha para Oeste: memória e identidade na Fronteira do Médio Araguaia**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, N. A. de. **Xavante, Pioneiros e Gaúchos: identidade e sociabilidade em Nova Xavantina/MT**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

OLIVEIRA, N. A. de. **História, memória e exclusão: os Xavante e as políticas de desenvolvimento em Nova Xavantina - MT**. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 03, p.03-15, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2007.

VILLAS BÔAS, Cláudio; VILLAS BÔAS, Orlando. **A Marcha para o Oeste**. 5.ed. São Paulo: Globo, 1994.